
**TODO NORDESTE QUE COUBER, A GENTE PUBLICA:
AS REPRESENTAÇÕES DO NORDESTE BRASILEIRO NAS PÁGINAS DO NEW
YORK TIMES (1950-1960)**

**ALL THE NORTHEAST THAT'S FIT TO PRINT
THE REPRESENTATIONS OF THE BRAZILIAN NORTHEAST IN THE PAGES OF
THE NEW YORK TIMES (1950-1960)**

João Gilberto Neves Saraiva¹

Resumo: Este artigo se preocupa com a representação espacial do Nordeste brasileiro nas páginas do The New York Times na década de 1950. Ele investiga as notícias desse veículo de imprensa norte-americano destacando conjuntos de imagens recorrentes utilizadas para representar o Nordeste do Brasil, especialmente as ligadas a um espaço militar, espaço problema social-ambiental e espaço em desenvolvimento. Aborda como o contexto político interno e externo estadunidense se relacionam com a produção dele, a Guerra Fria e as disputas partidárias entre democratas e republicanos. Trata das aproximações entre o Nordeste produzido pelo jornal estadunidense e o inventado no Brasil desde o século XIX. Estabelece conexões entre os mitos e estereótipos utilizados nos Estados Unidos para se pensar a América Latina com as representações espaciais do Nordeste brasileiro.

Palavras-chave: Nordeste, representação espacial, New York Times

Abstract: This paper is concerned with the spatial representation of the Brazilian Northeast in the pages of The New York Times between the end of World War II and the arrival of John F. Kennedy the presidency of the United States in 1961. He investigates the news that U.S. newspaper printed highlighting sets of recurring images used to represent the Northeast of Brazil, particularly those related to military space, space environmental-social problem and space on development. Discusses how internal and external U.S. political context relate to the production of it, the Cold War and the partisan bickering between Democrats and Republicans. Discusses the similarities between the Northeast and produced by American newspaper invented in Brazil since the nineteenth century. Establishes connections between the myths and stereotypes used in America to think about Latin America with the spatial representations of the Brazilian Northeast.

1 Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, formado em História pela mesma instituição. Desenvolve pesquisa sobre as representações do Nordeste brasileiro produzidas nos Estados Unidos. Participante dos projeto de pesquisa "História das relações entre Estados Unidos e América Latina (1961-1963)" promovido pelo Departamento de História da UFRN.

Keywords: Northeast, spatial representation, New York Times

Todas as notícias que couber, a gente publica.

(Lema no canto superior esquerdo da capa do jornal desde 1897)²

Na história das relações interamericanas no século XX comumente se identificam dois momentos de interesse do governo e imprensa dos Estados Unidos sobre o Nordeste brasileiro: a Segunda Guerra Mundial e os governos democratas de John F. Kennedy e de Lyndon B. Johnson na década de 1960. Uma produção historiográfica considerável³ dá conta de uma diversidade de trocas intelectuais, artísticas, técnicas, políticas e econômicas nesses dois recortes, no entanto, entre o fim da guerra em 1945 e a posse de Kennedy em 1961 temos um hiato de quinze anos em que este espaço parece à primeira vista um espaço esquecido. Este artigo se propõe a trabalhar justamente nesse lapso temporal, nosso objetivo é analisar como o Nordeste brasileiro foi representado nas notícias e reportagens de um dos principais jornais norte-americanos⁴, o New York Times (NYT), na década que antecede a sua aparição como uma das prioridades da política externa estadunidense no governo do presidente John F. Kennedy em 1961.

Ao optar pela análise das matérias do New York Times da década de 1950, realizamos um corte dentro de um vendaval de discursos que desde o século XIX dão conta do Nordeste brasileiro. Assim como Edward Said faz ao tratar do par Oriente-Occidente, atentaremos para que:

Todo aquele que escreve sobre o Oriente deve localizar vis-à-vis ao Ocidente; traduzida no seu texto, essa localização inclui o tipo de voz narrativa que ele adota, o tipo de estrutura que constrói, os tipos de imagens, temas, motivos que circulam no seu texto – todos os quais somam para formar os modos deliberados de se dirigir ao leitor, de abranger o Oriente e, enfim, de representa-lo ou falar em seu nome (SAID, 2007, p. 50).

Nos preocupamos com as narrativas sobre o espaço, a forma como ele é

2 As citações em inglês foram todas traduzidas pelo autor, segue em nota de rodapé a versão original em inglês de cada uma. “All the news that’s fit to print”. Para mais informações sobre a criação do Times ver Talese (2000).

3 Trabalhos como os de Pedro Tota (2000), Flávia Sá Pedreira (2005), Henrique Alonso Pereira (2005), Cecília Azevedo (2007) e Ana Maria Mauad (2008)

4 Utilizamos as expressões norte-americano, americano e estadunidense como sinônimos. O autor não desconhece a imprecisão e posicionamentos políticos que envolvem cada uma delas, mas as utiliza dessa forma para evitar a repetição excessiva ao longo do texto.

escrito, os temas e imagens utilizados nesse processo. O deslocamentos e posicionamentos daqueles que escrevem são também importantes porque é a partir desses lugares eles produzem recortes espaciais que atendem a demandas específicas. Nos aproximamos de Edward Said (2007, p. 92-6) quando este investiga a geografia imaginativa do Oriente, mas enquanto ele percorreu a literatura e produção científica europeia, nós seguimos a trilha das páginas do New York Times para inquirir a geografia imaginativa do Nordeste brasileiro. Nesses caminhos não tivemos como prioridade verificar se o Times refletia uma imagem mais ou menos fiel do Nordeste, nos importamos em pensar que Nordeste é esse fabricado pelos jornalistas, que temáticas e representações utilizadas e em que conjunturas isso se deu.

Ao analisar esse conjuntos de recorrências pensamos no que Stephen Greenblatt (1996, p. 22) chama de representações acumuladas, um conjunto de imagens dotadas de poder de reprodução que são de alguma forma aglomeradas em livros, arquivos, centros culturais, memórias, etc. e que são acessadas para formar novas representações. O crítico literário Stephen Greenblatt (1996, p. 20-1) e o historiador Roger Chartier (1990, p. 26-7) se aproximam ao pensar alguns aspectos que consideramos essenciais para utilização dessas imagens acumuladas. O primeiro deles é que o representar é uma prática de apropriação muito distante da neutralidade, indivíduos e grupos articulam o seu capital mimético ou suas leituras – para ficar nos termos utilizados pelos dois respectivamente – para atender aos seus interesses específicos. Outro ponto é que as esses novos discursos não são espelhos das relações sociais nem apenas produtos delas. Para Greenblatt (1996, p. 22-3) e Chartier (1990, p. 17-8) as representações são práticas que constroem as relações entre os indivíduos, são formas de relacionar um conhecimento prévio e se posicionar no mundo, através delas é possível investigar as hierarquias, tensões, aproximações e distanciamentos que compõem as relações sociais.

Publicado desde 1851, o Times é um jornal diário que ao longo do século XX consolidou uma das maiores redes de cobertura da imprensa mundial. No recorte temporal investigado, por exemplo, o periódico manteve no Brasil dois correspondentes - Sam Pope Brewer e Tad Szulc - que geralmente escreveram da

então capital Rio de Janeiro, mas também se deslocaram por todo o país. Ao tratar de um dos maiores e mais influentes jornais dos Estados Unidos, é relevante lembrar o alerta de Noam Chomsky e Edward Herman (2002, p. XI) de que os grandes veículos de imprensa estadunidenses se vinculam com poderosos grupos econômicos e políticos. Ao longo do século XX o New York Times geralmente ao tratar de temas da economia e política apoiou agendas liberais e o partido democrata. Entretanto, por exemplo, o mesmo jornal já declinou candidatos democratas e preferiu republicanos, como na eleição presidencial de 1956, quando apoiou o candidato republicano Dwight Eisenhower ao qual havia se oposto quatro anos antes. Outro exemplo é a agenda crítica do diário em relação a política externa do presidente democrata Lyndon Johnson na década seguinte da qual nos fala jornalista Gay Talese (2000, p. 469). O NYT se auto define politicamente como um jornal liberal⁵, no entanto mais pertinente do que pensar nesses rótulos políticos, nos aconselha Heloisa Cruz e Maria Peixoto (2007, p. 264), é avaliar historicamente os posicionamentos e articulações para perceber projetos e alinhamentos diversos em cada conjuntura.

Uma pesquisa no acervo de edições do New York Times do banco de dados *ProQuest*⁶ com as palavras-chave *Northeast Brazil* entre 1945 e 1960 registra pouco mais que cinquenta resultados que de algum forma citam o Nordeste do Brasil. Se tratam em geral de pequenas passagens, notas de canto inicialmente esporádicas que aumentam de quantidade e tamanho ao longo da década de 1950, o Nordeste faz uma caminhada do fundo do jornal até chegar a ser matéria de capa em 1960. Lendo as notícias e reportagens identificamos alguns conjuntos de temáticas e representações recorrentes nos textos produzidos pelos jornalistas e editores do Times quando escrevem sobre o Nordeste. Os textos publicados no NYT geralmente apresentam o este espaço sobre três perspectivas, como um espaço militar; espaço problema social-ambiental; e espaço em desenvolvimento.

Uma das imagens acumuladas repetidamente utilizadas pelos jornalistas dos

5 Em 2004 o editor do NYT Daniel Okrent escreveu um editorial sobre os posicionamentos políticos do jornal. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2004/07/25/opinion/the-public-editor-is-the-new-york-times-a-liberal-newspaper.html>> Acesso em: 14 fev. 2014.

6 Sítio eletrônico da instituição: < <http://www.proquest.com.br/pt-BR/>> Acesso em: 14 fev. 2013.

Times ao tratar do Nordeste são as das bases militares. Especialmente durante a Segunda Guerra Mundial foram publicadas diversas notícias no NYT sobre as bases no Nordeste, como a base aérea *Parnamirim Field* instalada no Rio Grande do Norte que recebeu um grande número de militares americanos. Terminada a guerra, as tropas se retiraram no território brasileiro e as notícias que representam o Nordeste como espaço de atividades bélicas só retomaram as páginas do New York Times na década seguinte. Matérias sobre a ilha Fernando de Noronha - nas proximidades do Rio Grande do Norte mas vinculada ao estado de Pernambuco - são recorrentes na segunda metade da década de 1950 tratando do interesse do governo norte-americano na instalação de centros para rastreamento de foguetes. Segundo as notícias da época “os Estados Unidos precisam dessas estações de observação e rastreamento nessas ilhas brasileiras para ajudar a controlar e observar a reação deles [os mísseis de longo alcance] perto do fim do seu voo” (The New York Times, 23 set. 1956, p. 12)⁷. Essa necessidade de ter bases no território brasileiro para controlar mísseis de longo alcance relatada pelo Times pode ser conectada com a estratégia do governo republicano do presidente Eisenhower durante a Guerra Fria. Em março de 1953, o Conselho de Segurança Nacional do recém empossado presidente Dwight Eisenhower produziu um documento base para definir as estratégias dos Estados Unidos em relação a América Latina, o NSC 144/1. Entre os objetivos gerais para o continente definidos nele temos:

A salvaguarda do hemisfério, incluindo acessos marítimos e aéreos, através de medidas individuais e coletivas de defesa contra a agressão externa, através do desenvolvimento de forças militares indígenas e bases locais necessárias para a defesa do hemisfério. (State of Policy by the National Security Council, 1953)⁸

Na conjuntura de acirramento do conflito bipolar, a instalação de bases no território latino-americano, junto da transferência equipamentos de guerras pesados - como navios, helicópteros e aviões - para serem utilizados no caso de uma invasão

7 “The United States needs observation and tracking stations on these Brazilian islands to help guide the missiles and observe their reaction near the end of their flight.”

8 “The safeguarding of the hemisphere, including sea and air approaches, by individual and collective defense measures against external aggression through the development of indigenous military forces and local bases necessary for hemisphere defense.” Disponível em <<http://history.state.gov/historicaldocuments/frus1952-54v04/d3>> Acesso 14 fev. 2014

realizada por países alinhados ao bloco comunista se inserem dentro da política bélica estadunidense para o continente chamada Defesa Hemisférica. O jornal deu destaque as negociações do governo Eisenhower para instalação de bases avançadas, em sua cobertura os jornalistas sublinham espaços considerados estratégicos dentro da América Latina onde os interesses de segurança dos Estados Unidos exigem uma presença efetiva das forças armadas e seus equipamentos de controle, um deles é o Nordeste do Brasil. Nas reportagens ao longo de 1956 e 1957 sobre a instalação da estação para acompanhamento de mísseis, o Times retoma o caráter bélico das representações do Nordeste da década anterior, citando a presença americana na Segunda Guerra Mundial. Dessa forma, o Nordeste brasileiro é um espaço militar onde os Estados Unidos precisam continuamente estar para garantir sua defesa e atuação no cenário global, só que não se trata mais de instalar um entreposto aéreo entre os América e o teatro de guerra da África e Europa, o velho cenário ganha novos atores na Guerra Fria.

Os jornalistas do NYT nos relatam não apenas qual seria importância das bases para a estratégia militar dos Estados Unidos, eles também evidenciam o que seria a atuação de grupos políticos para que elas não fossem construídas. Em dezembro de 1956, uma reportagem assinada por Tad Szulc trata desses grupos:

Nacionalistas brasileiros, amplamente apoiados pela imprensa Comunista iniciaram uma campanha hoje contra a autorização aos Estados Unidos da instalação de um posto de rastreamento de mísseis guiados na ilha Fernando de Noronha [...] A campanha de protesto é uma reminiscência da campanha que atrasou em 1952 a aprovação do congresso e assinatura do pacto de assistência militar Estados Unidos-Brasil (The New York Times, 18 dez. 1956, p. 22)⁹

As publicações do jornal entre 1956 e 1957 desenham dois grupos políticos que se opõe a instalação de bases norte-americanas no Nordeste ao longo da década de 1950, os nacionalistas e os comunistas. O argumento do jornal é de que os nacionalistas defendem a não intervenção estrangeira no território brasileiro e especialmente nas questões de defesa do país. Já os grupos identificados como

⁹ “Brazil's nationalists, loudly supported by the Communist press, began a campaign today against letting the United States set up a guided-missile tracking post on Fernando de Noronha Island. [...] The protest campaign was reminiscent of the campaign in 1952 that delayed Congressional approval and signing of the United States Brazil military-assistance pact.”

comunistas, são apresentados como organizações que aproveitam situações de discordância para insuflar os brasileiros contra os Estados Unidos através de protestos e de publicações em jornais. É interessante notar que apesar de apresentar referências constantes a campanhas contra a base na ilha de Fernando de Noronha, não há informações concretas sobre que jornais seriam ou quem era os comunistas contra a instalação de bases estadunidenses. No Nordeste apresentado como espaço militar pelo Times, o temida “ameaça vermelha” que age dentro do território brasileiro se assemelha a visão da linha do horizonte, sempre presente, mas não conseguimos chegar até ela porque se desloca ao passo da nossa aproximação.

Em janeiro de 1957 o Times publicou uma notícia sobre o fechamento do acordo entre os governos do Brasil e dos Estados Unidos para instalação do centro de lançamento e rastreamento de mísseis em Fernando de Noronha. Para o correspondente no Brasil na época, Tad Szulc, uma Terceira Guerra Mundial estava no horizonte “e se ela estourar o nordeste do Brasil se tornará provavelmente um teatro de guerra” (The New York Times, 22 jan. 1957, p. 8)¹⁰. Nesse possível teatro de guerra do qual nos fala Szulc estabelecer uma base em Fernando de Noronha significava não apenas ampliar o controle sobre o Oceano Atlântico para se proteger de possíveis mísseis soviéticos, mas também sobre o Nordeste onde o “inimigo vermelho” também atua.

Outro conjunto de imagens recorrentes do Nordeste brasileiro produzido pelo New York Times na década de 1950 pode ser vinculada a uma percepção específica do clima e das condições sociais. Desse grupo fazem parte algumas das mais perenes representações do Nordeste, a da estiagem e da fome. Uma reportagem não assinada do começo de 1952 avaliando os impactos econômicos da seca afirma:

A longa seca que afetou uma grande área do país se estende desde o extremo sul pelo nordeste reduziu a produção agrícola no ano passado, de acordo com o Ministério da Agricultura do Brasil. As culturas que foram mais afetados foram o arroz, mandioca, milho, mamona, feijão, linho e algodão, os rendimentos das quais foram inferiores aos de 1950. (The

10 "and if it broke out Brazil's northeast would be likely to become a war theatre"

New York Times, 4 jan. 1952, p. 54)¹¹

No início da década de 1950, o jornal avalia a seca como um problema econômico de grande importância já que as principais lavouras do Nordeste do Brasil estão comprometidas. Uma das fontes que o veículo de imprensa recorre quando escreve sobre a estiagem são os boletins dos órgãos oficiais, como o citado Ministério da Agricultura. Nessa matéria, como em outras reportagens na primeira metade da década, o Times trata de um nordeste com n minúsculo, uma designação geográfica acima do Rio de Janeiro com traços ainda não muito definidos e que sofre desde tempos imemoráveis com o seu clima. Mas a seca não é apenas um problema econômico para o país, nas palavras de Sam Pope Brewer, então correspondente do jornal no Brasil:

A seca e a fome no nordeste do Brasil não são uma novidade, mas a situação é identificada como pior esse ano do que em qualquer outro que se tenha memória, com os três anos de seca contínua e sem um volume considerável de ajuda. [...] O governo foi duramente criticado pelo influente diário O Jornal, que disse 'Não há segredo sobre os métodos que devem ser usados para salvar o nordeste brasileiro. (The New York Times, 16 fev. 1953, p. 9)¹²

A seca e a fome de que nos fala o correspondente são assuntos que fazem parte das representações espaciais da região no New York Times em todo o recorte temporal analisado e mesmo até o presente¹³. Para além de uma questão econômica, a estiagem torna o Nordeste um espaço caracterizado por problemas sociais, o mais recorrente deles na publicação nova-iorquina é a fome. É interessante a percepção da seca como um problema recorrente do Nordeste e que

11 The long drought that affected a large area of this country extending from the far south through the northeast reduced agricultural production last year, according to the Brazilian Department of Agriculture. The crops that were most affected were rice, manioc, corn, castor, beans, flax, and cotton seed, yields of which were below those of 1950.

12 "Drought and hunger in northeast Brazil are not new, but the situation is report worse this year than at any time in memory with the three-year drought continuing and no considerable amount of aid available [...] The Government was sharply criticized today by the influential newspaper O Jornal which said 'There is no secret about the methods that should be used to save Brazilian northeast'".

13 Uma pesquisa no sítio eletrônico do jornal com as palavras chave "*Brazil Northeast*" nos trazem mais de 7500 resultados. Muitas das notícias e reportagens citam a seca e a fome. Disponível em < <http://query.nytimes.com/search/sitesearch/#/Brazil+Northeast>> Acesso em 14 fev. 2014.

demanda um auxílio de grandes proporções, esse discurso atravessa também a imprensa local que os jornalistas do NYT usam como referências. A falta de alimentos e a seca são utilizadas pelo Times para delinear outro problema social e econômico que atravessaria o Nordeste brasileiro, a migração. Acompanhando os desdobramentos da estiagem no começo da década de 1950, o correspondente Pope Brewer trata da reação dos nordestinos diante da falta de chuvas, segundo ele: “refugiados estão se movendo em direção a São Paulo, à taxa de cerca de 40.000 mensal e o fluxo vem aumentando à medida que a seca e o forte sol continuaram a destruir a possibilidade de colheitas este ano no nordeste” (The New York Times, 3 mar. 1952, p. 01)¹⁴. A publicação estabelece um conjunto de referências inter-relacionadas que permeiam as representações do Nordeste brasileiro - ainda escrito com letra minúscula - a seca, crise econômica, fome e migração em massa para as grandes cidades.

Para além destas imagens mais recorrentes nos NYT quando publica notícias sobre o Nordeste brasileiro encontramos também a referência as enchentes. Uma pequena nota de meados de 1950 escrita destaca que: Mais de 3.000 pessoas estão desabrigadas em decorrência de inundações na cidade costeira de Recife, capital do estado nordestino de Pernambuco. A agência de notícias brasileira Meridional relatou que havia muitas vítimas” (The New York Times, 18 mai. 1950, p. 05)¹⁵. Nas matérias do Times o problema das enchentes não é um problema localizado da capital pernambucana, anos depois, outra nota informa os leitores que “após mais de uma semana de chuvas pesadas, a maior parte dos rios da Bahia e Pernambuco transbordaram inundando cidades, campos e estradas interrompendo todas as atividades” (The New York Times, 15 mar. 1960, p. 2)¹⁶. Diversos locais dentro do Nordeste sofrem com as enchentes por causa das chuvas excessivas, assim ele é o espaço onde os homens sofrem com a ausência e a presença da

14 “Refugees are moving toward São Paulo at the rate of nearly 40,000 monthly and the flow increasing as continued drought and blistering sun destroy the possibility of crops this year in the northeast”.

15 “More than 3,000 people are homeless as a result of floods in the coastal city of Recife, capital of the northeast Brazilian state of Pernambuco. The Brazilian news agency Meridional reported there were many casualties”.

16 “After more than a week of heavy rains, most rivers in the states of Bahia and Pernambuco overflowed their banks, flooding towns, fields and highways and disrupting all activities”.

chuva, já que as duas são sempre excessivas. Podemos associar essas imagens utilizadas pelos jornalistas do diário de Nova York com um dos estereótipos recorrentes quando os americanos pensam a América Latina, a natureza. Como esclarece Frederick Pike (1993, p. XIII), um dos mitos perpetuados nos Estados Unidos para delinear e ao mesmo se opor a América Latina é o de que esta seria o espaço dominado pela natureza e os latino-americanos suas vítimas já que são incapazes de domá-la.

O Nordeste das páginas do New York Times se relaciona também com a representação da terra esquecida recorrente em outros veículos de imprensa norte-americanos ao da América Latina. Ele se aproxima das imagens de territórios vazios identificadas por Mary Anne Junqueira (2000, p. 236) nas representações do interior da América Latina da Reader's Digest entre 1945 e 1970. No entanto, não sendo propriamente um território vazio, o Nordeste construído pelo Times é um espaço, como vimos, em processo de esvaziamento “contra todos os esforços das autoridades para estancar a migração em massa” (The New York Times, 16 fev. 1953, p. 9)¹⁷. Ao mesmo tempo que seu interior se esvaziava, as grandes cidades do Nordeste como Recife, Salvador e Fortaleza, foram comumente caracterizadas pela sua alta densidade populacional no final da década de 1950. Nesse sentido, ele se aproxima também das visões de cidades superpopulosas e pobres da América do Sul vinculadas também na Reader's Digest - e na sua versão brasileira, a Seleções – das quais nos fala Mary Junqueira (2000, p. 254). O Nordeste é a terra esquecida onde a população aparece em migração, seja migrando para as grandes cidades do seu litoral ou do Sudeste, especialmente Rio de Janeiro ou São Paulo.

Analisando os jornais da década de 1950, podemos perceber que o nordeste (*northeast*), designação utilizada na maior parte das vezes em um sentido de localização geográfica dentro do país, vai sendo cada vez menos utilizado. Na segunda metade da década, a denominação Nordeste (*Northeast*) passa a ser a mais comum para se referir a região, e esse Nordeste do NYT se aproxima das representações produzidas no Brasil. É pertinente perceber que as reportagens do Times constantemente citam veículos de imprensa brasileiros como a já citada a

17 “Despite all efforts of the authorities to halt mass migration”.

agência Meridional e O Jornal, além do diário O Globo e O Estado de São Paulo, bem como órgãos oficiais como, por exemplo, o Ministério da Agricultura. Analisando as cidades de onde os textos são despachados – que são informadas sempre no começo de cada matéria – notamos que grande parte delas são escritas do Rio de Janeiro, e algumas outras de Brasília, Recife e Salvador. Acreditamos que os jornalistas tomaram contato com as representações do Nordeste produzidas no país e introduziram no repertório que utilizavam para escrever suas matérias para o Times. Assim, o Nordeste das representações do NYT se relaciona com o Nordeste inventado no Brasil desde o final do século XIX até os dias de hoje sobre qual nos fala Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2009, p. 83). O historiador identifica a seca de 1877-9 como marco temporal inaugural para a produção de um discurso que solicitava verbas para combater a estiagem. Esse discurso permeou a política, o jornalismo, a literatura, a sociologia, etc. e atuou na produção de um recorte espacial dentro do grande Norte do país, o Nordeste. Este é o lugar da seca, da fome, da violência que encontramos também nas páginas do Times, mas também caracterizado por outros aspectos que não evidenciamos nele, como o messianismo e o forró.

O Nordeste produzido nas representações do New York Times recorre muitas vezes aos estereótipos identificados por Durval Muniz na invenção brasileira, entre eles a violência. Em uma reportagem escrita pelo correspondente Tad Szulc em 1957, temos o seguinte trecho sobre assassinatos:

O assassinato político da semana passada de um jovem deputado da oposição no estado de Alagoas trouxe o medo de uma nova onda de violência no Nordeste brasileiro. [...] Alagoas, segundo menor estado do Brasil e um dos mais pobres, tem uma longa tradição de terror político. Lutas de poder entre homens que governam o estado como se fosse um feudo pessoal geralmente são resolvidas com armas de fogo. (The New York Times, 14 fev. 1957, p.11)¹⁸

O Nordeste é retratado como o lugar onde grupos constroem feudos políticos sobre a massa pobre, é o espaço da violência onde os problemas políticos,

18 “The political murder last week of a young Opposition legislator in the state of Alagoas has brought fears of new violence to the Brazilian Northeast. [...] Alagoas, second smallest state in Brazil and one of the poorest, has long had a tradition of political terror. Power struggles among the men who ruled the state as if it were a personal fief have often resolved by gun fire”.

sociais, pessoais são resolvidos a bala. Nas páginas do jornal, a violência não se resume a atuação de grandes políticos que financiam pistoleiro, o NYT relata ao público americano diversos saques e protestos que ocorreriam por causa das secas e enchentes que afligem a região. Nesse cenário temos a população apresentada como triplamente vítima, da natureza, da tirania e da pobreza.

É relevante destacar que ao longo da década de 1950 diversas notícias citam a atuação do que o jornal considera serem comunistas infiltrados atuando no Nordeste brasileiro, mas esse tema só ganha destaque nos dois anos que antecedem o fim do mandato do presidente republicano Eisenhower. Consideramos dois eventos como marcos temporais importantes para a mudança de tom nas representações do Nordeste, a Revolução Cubana em 1959 e a corrida eleitoral no ano seguinte. A historiografia das relações interamericanas do século XX identifica a tomada do poder pelos revolucionários comandados por Fidel Castro como um divisor de águas¹⁹ nas relações entre os Estados Unidos e a América Latina.

Após a revolução na ilha – a poucos quilômetros das praias da Flórida – o “inimigo vermelho” passa a ser considerado uma ameaça iminente a segurança nacional, e o New York Times assume um caráter alarmista em relação ao Nordeste. Duas chamadas de capas do jornal em 1960 ilustram o tom das matérias assinadas por Tad Szulc: “Pobreza no Nordeste do Brasil gera ameaça de revolta” (The New York Times, 31 out. 1960, p. 1) e “Marxistas estão organizando camponeses no Brasil” (The New York Times, 1 nov. 1960, p. 1)²⁰. Nelas o jornalista retoma as imagens utilizadas ao longo da década para caracterizar o Nordeste, a seca, a pobreza e a superpopulação, os “comunistas infiltrados” só que esses últimos assumem um papel preponderante nas suas reportagens. Em uma delas ele afirma: “os ingredientes de uma situação revolucionária são cada vez mais evidentes em toda a vastidão do Nordeste miserável e flagelado pela seca” (The New York Times,

19 Autores como Ianni (1988), Weis (1993), Schoultz (2000), Albuquerque (2005), Azevedo (2007) apontam nesse sentido. Os pesquisadores destacam também que outros eventos em que “ameaças comunistas” foram identificadas na América Latina que mudanças na política externa norte-americana, entre eles está expropriação das terras da empresa norte-americana *United Fruit* na Guatemala em 1953 e os protestos enfrentados pelo vice-presidente Nixon em sua viagem oficial pela América do Sul em 1958.

20 “Northeast Brazil poverty breeds threat of revolt” e “Marxists are organizing peasants in Brazil”

31 out. 1960, p. 1)²¹. Novas imagens acumuladas ingressam nas representações do Nordeste ligadas a revolta e a revolução. Os nordestinos são apresentados agora como são pessoas revoltadas devido a sua situação miserável e os comunistas são elementos catalisadores para uma situação revolucionária semelhante à ocorrida em Cuba. Se nas representações de espaço militar os “inimigos vermelhos” não tem face, no Nordeste como espaço problema social-ambiental eles estão bem definidos, são organizações como as Ligas Camponesas e a Associação da Amizade China Brasil. Segundo o jornal, as Ligas lideradas pelo deputado Francisco Julião utilizavam Cuba como um modelo e as palavras de líderes como Mao Tse-tung e Fidel Castro como ensinamentos. No final de 1960, o correspondente Szulc avalia que o ressentimento em relação ao seu país cresce “baseado no sentimento que depois de usar o Nordeste como base na guerra, os Estados Unidos estão fazendo pouco pra ajudar seu desenvolvimento em tempos de paz” (The New York Times, 31 out. 1960, p. 2)²². Em seu posicionamento crítico da política externa do governo republicano do presidente Eisenhower, ele delineia que seria uma questão de tempo se nada for feito pelos Estados Unidos para que uma revolução comunista abale o Nordeste brasileiro.

Na semana seguinte as capas do NYT com matérias sobre o Nordeste brasileiro foram realizadas as eleições presidenciais dos Estados Unidos. Durante ela foram publicados dois discursos do então candidato à presidência apoiado pelo jornal, o senador democrata John F. Kennedy, realizados nas cidades de São Francisco e Chicago. Em ambas as cidades o candidato falou sobre o Nordeste brasileiro, no discurso em Chicago ele afirmou:

Mas Castro não é o único problema, e nós temos que certificar-se nos anos sessenta que outros Castros não surgem. Pela a pobreza, a pobreza e o desespero são males iguais na América Latina. No nordeste do Brasil, onde o nível de vida são tão miserável que em duas aldeias deste ano não nenhum bebê viveu além de um ano de idade. Quais são as chances de liberdade naquele país sob essas condições se ignorarmos os nossos vizinhos ao sul. (The New York Times, 5 nov. 1960, p.14)

21 “The makings of a revolutionary situation are increasingly apparent across the vastness of the poverty-stricken and drought-plagued Brazilian Northeast.”

22 “[...] based on the sentiment that after using the Northeast as a wartime base, the United States has done little to help it develop in peacetime.”

As palavras de John Kennedy seguiram a mesma direção dos posicionamentos do jornal sobre o Nordeste, o Nordeste é o espaço vizinho afundado na profunda miséria onde o novos Castros podem aparecer ameaçando a segurança americana. Além dos dois discursos do candidato democrata, o jornal publicou na semana que antecedeu o pleito um artigo assinado pelo correspondente Tad Szulc sobre a preferência dos latino-americanos pela vitória de John Kennedy contra o republicano Richard Nixon. Na corrida presidencial de 1960, o jornal – especialmente através do seu correspondente Szulc – e os democratas – como vimos nos discursos de Kennedy – parecem afinados quanto a avaliação da política externa republicana para a América Latina estabelecendo representações semelhantes do Nordeste brasileiro. No pleito realizado em 8 de novembro de 1960, o candidato democrata saiu vitorioso e no ano seguinte assume a presidência dos Estados Unidos. O Nordeste passou a ser encarado como uma das prioridades da política externa do novo presidente, e as publicações do Times que o citam na década de 1960 são quase dez vezes maiores que na anterior²³, o foco de luz estava mais uma vez aceso sobre o Nordeste brasileiro.

O terceiro conjunto de imagens utilizado para se escrever sobre o Nordeste se vincula as representações do espaço em desenvolvimento. Em uma reportagem em 1960, o correspondente Tad Szulc se propôs a lançar algumas questões e responde-las para que, segundo ele, os leitores possam entender a América Latina. Em um das respostas ele tenta explicar porque haveriam tantas revoltas no continente latino-americano, sua avaliação é de que as revoltas “são parte de um profundo processo de mudança social, econômica e política”, a resposta de homens oprimidos a realidade de pobreza e violência que o cercam. Para o jornalista a transformação da América Latina, não devia ser pela via revolucionário, como o exemplo cubano, e sim através “de uma ajuda substancial dos Estados Unidos com políticas econômicas, fundos, equipamentos e conhecimento” (The New York Times, 21 fev. 1960, p. 11 e 13)²⁴. É oportuno perceber que quando o Times define o Nordeste brasileiro como um dos espaços dentro da América Latina que

23 Uma pesquisa no banco de dados Proquest, indica que entre 1961 e 1969 foram publicados cerca de 500 matérias no New York Times sobre o Nordeste brasileiro.

24 “[...] is a part of a profound process of social, economic and political change”. “[...] by substantial United States help in economic policies, funds, equipment and know-how”.

precisa de ajuda, eles o fazem em oposição a outro, os Estados Unidos. Podemos aproximar essa oposição ao que nos fala Frederick Pike (1993, p. XIV), ele avalia que inúmeras vezes ao se pensar o continente latino-americano, os estadunidenses estabelecem uma oposição em que cabe aos Estados Unidos o lugar da civilização e do progresso, já a América Latina o da incivilização e do atraso. Dentro dessa visão de mundo, o Nordeste e outros espaços latino-americanos devem ser transformados através da ajuda econômica e tecnológica dos Estados Unidos. Essa imagem de Nordeste atrasado e pobre apresentada no NYT bebe em uma concepção - nos lembra Lars Schoultz (2000, p. 13) - utilizada há pelo menos sessenta anos nos Estados Unidos, a de que subdesenvolvimento é a chave dos problemas latino-americanos.

Uma matéria não assinada de 1953 sobre a construção de uma usina hidroelétrica em Paulo Afonso no estado da Bahia, avalia que se espera que ela “inicie um explosão de indústrias na dormente região nordeste” (The New York Times, 15 nov. 1953, p. 5)²⁵. O jornal aposta na modernização como aquilo capaz de acordar o espaço que dorme no atraso e o capital estadunidense é uma das chaves para alavancar o Nordeste. Nesse sentido temos no mesmo ano uma notícia sobre a descoberta de reservas urânio e tório - metais necessários para produção de energia atômica - no Nordeste e em outras regiões do país. Ela destaca que “vários cientistas norte-americanos estavam trabalhando em projetos brasileiros” desde 1951 e que um acelerador de prótons está sendo construído na Universidade de Chicago para ser usado no país (The New York Times, 07 jun. 1953, p. 42)²⁶. A tecnologia e conhecimento estadunidense são apresentadas como o motor para que o Nordeste saia do marasmo e seja plenamente um espaço em desenvolvimento. Apontamentos nesse mesmo sentido faz Ricardo Salvatore (2006, p. 34) ao investigar as representações do continente sul-americano produzidas nos Estados Unidos. Para o pesquisador argentino, uma das justificativas utilizadas para a presença americana na América do Sul é a de que ela precisa da tecnologia ianque para conquistar a natureza e alcançar o progresso.

Parece-nos apropriado destacar a linguagem utilizada no NYT para

25 “[...] to start an industrial boom in Brazil’s sleepy northeast region”.

26 “[...] several United States scientists were working on some of Brazil’s projects”.

representar o Nordeste como espaço em desenvolvimento. Investigando o desenvolvimentismo no século XX, Arturo Escobar (1995, p. 44) propõe certas características do seu discurso que encontramos também nas representações do Nordeste, são: o etnocentrismo, o tecnicismo, a visão de cima para baixo e falta de relevância dada a cultura e a atuação dos indivíduos. A tecnologia e capital dos Estados Unidos seriam superiores, capazes de transformar plenamente o atrasado Nordeste, seus indivíduos são apresentados como figuras infantis, incapazes de caminhar por suas próprias pernas. Esse discurso pressupõe, como identifica Edward Said (2011, p. 9-10) uma separação radical entre “nós” e “eles”, uma diferenciação pensada a partir de estereótipos fixos em que o primeiro assume um papel ativo de transformação e poder e que o segundo é relegado a passividade e dominação.

Em 1957, temos uma reportagem assinada por Tad Szulc sobre a situação do turismo no Brasil. Ela trata de mudanças que estão ocorrendo no país para ampliar o potencial turístico:

O Brasil está começando a levar a sério o turismo e tem contado com a ajuda do programa Ponto Quatro dos Estados Unidos para estudar os potenciais de viagens nessa vasta nação. [...] Tanto Recife e São Salvador (Bahia) na costa nordeste tem um hotel cada, mas eles não são grandes o suficiente para lidar com um fluxo de turistas (The New York Times, 31 mar. 1957, p.149)²⁷

O programa Ponto Quatro ao qual o correspondente no Brasil se refere foi lançado no governo anterior ao do republicano Eisenhower. Ainda no final da década de 1940, o presidente democrata Harry S. Truman lançou em seu discurso inaugural um programa de uso sistemático dos conhecimentos científicos americanos nos países em desenvolvimento. É interessante grifar que em diversas matérias no recorte investigado o jornal se refere de forma elogiosa a programas, acordos e encontros realizados pelos dois governos anteriores ao republicano Eisenhower que chegou a Casa Branca em 1953, os dos democratas Harry Truman e Franklin

²⁷ “Brazil is beginning to get serious about tourism and it has enlisted the aid of the United States Point Four program to study the travel potentialities in this vast nation. [...] Both Recife and São Salvador (Bahia) on the northeast coast have one good hotel each, but they are not large enough to handle a flow of tourists.”

Roosevelt apoiados na época pelo jornal.

Podemos estabelecer elos entre o relato sobre o envio de técnicos estadunidenses para avaliar e expandir o turismo no Nordeste brasileiro através do Ponto Quatro com a teoria de modernização que atravessou as décadas de 1950 e 1960. Na pesquisa de Henrique Alonso Pereira (2005, p. 78), temos a modernização caracterizada como uma política de transformação econômica e social através de estágios, indo das chamadas sociedades primitivas até a norte-americana, considerada o ápice de uma escala evolutiva. No bojo da modernização temos que um lugar atrasado poderia ter seu desenvolvimento acelerado através do contato com uma sociedade desenvolvida, daí a importância da visita dos técnicos, cientistas e burocratas ao Nordeste. O discurso da modernização, sugere o historiador Michael Latham (2000, p. 3), foi uma forma de combater a expansão da União Soviética no pós-guerra, a partir da leitura dos intelectuais americanos de que a pobreza, a instabilidade política, e o descontentamento da população eram um campo fértil para as revoluções marxistas. Ela seria uma forma de utilizar o capital, o conhecimento e a tecnologia estadunidense para combater o “perigo vermelho” que se espalhava ao redor do globo. Como vimos, para representar o Nordeste, os jornalistas americanos acessam todo o conjunto pilares do discurso da modernização, nas páginas do Times - em tempos de acirramento da disputa bipolar sobre o globo - a modernização do Nordeste seria uma forma de garantir que um recorte espacial essencial da América Latina se mantivesse alinhado aos Estados Unidos.

Em um dos seus textos sobre a utilização dos jornais pelas ciências humanas, o historiador americano Robert Darnton (2010, p. 108) nos lembra de que as notícias se pautam em concepções culturais prévias que dão sentido a elas. Nossa análise sobre os conjuntos de imagens recorrentes do Nordeste utilizadas pelo New York Times entre a Segunda Guerra e a chegada de John Kennedy a presidência em 1961 enveredou pela trilha das concepções utilizadas para representar o Nordeste. Tratamos alguns dos mitos e estereótipos que permeiam a relação dos estadunidenses com a América Latina, como os pares atraso/progresso e civilizado/incivilizado são diversas vezes utilizados para se adjetivar este espaço.

É válida a advertência da historiadora Cecília Azevedo (2011, p. 296) que as visões da América Latina produzidas nos Estados Unidos não se resumem nessas concepções negativas. Sublinhamos esses pares opostos específicos porque identificamos serem os que mais repetidas vezes apareceram nas notícias do jornal. A natureza é outro elemento essencial nas matérias sobre Nordeste, o homem nordestino é caracterizado como vítima dela, por exemplo, da ausência ou abundância de chuvas. Como vimos, os jornalistas do Times também se apropriam do Nordeste inventado no Brasil, reconfigurando as imagens da seca, enchentes, fome e violência vinculadas, por exemplo, nos jornais brasileiros da época.

Na produção de nossa geografia imaginativa do Nordeste brasileiro nas páginas do New York Times, tentamos evidenciar a Guerra Fria como um elemento basilar para que o Nordeste saísse do fundo do jornal no começo da década de 1950 e estivesse na capa do jornal dez anos depois. Se no início dos anos 1950 o nordeste – escrito ainda muitas vezes com n minúsculo – é o cenário para relatos sobre catástrofes climáticas, assassinatos, acordos militares se desenvolvem, na segunda metade da década deixa de ser apenas o pano de fundo e passa a ser um tema proeminente para os jornalistas do Times. O Nordeste assume letra maiúscula, contornos e ganha atributos: o clima caracterizado pela estiagem e enchentes, problemas sociais como violência e migração em massa; além da “ameaça comunista”. Este recorte específico dentro da América Latina, é delineado também através das leituras de mundo da modernização e através de uma linguagem desenvolvimentista enquanto percorre o trajeto do fundo até a capa da publicação.

Nesse caminho, as representações do Nordeste também se relacionam com os posicionamentos do jornal ante as circunstâncias da política interna dos Estados Unidos. Quando o Nordeste na metade da década passa a ganhar relevância, ele está inserido no Times nas notícias sobre negociações de bases que o governo republicano pretendia instalar na América Latina. Essas notícias começam a sair durante a corrida presidencial do final de 1956, quando o New York Times apoiava o então candidato republicano à reeleição Dwight D. Eisenhower. Com a aproximação do final da década, as matérias do New York Times vão assumindo posicionamentos cada vez mais críticos em relação a política externa desse mesmo

governo republicano no mesmo passo em que o Nordeste ganha mais espaço no jornal. O jornal desenhou este espaço como um tema central na política norte-americana e exemplo dos problemas da política externa republicana para a América Latina, as representações do Nordeste brasileiro do jornal e as dos discursos do então candidato democrata à presidência John F. Kennedy estavam afinados na corrida eleitoral de 1960. No ano seguinte, o Nordeste continuou sendo um tema recorrente nas páginas do NYT e o já então presidente John Kennedy lançou seu programa de política externa para América Latina em que o Brasil e especialmente o Nordeste brasileiro receberam grande atenção. Visitas técnicas, toneladas de alimentos, verbas para obras de infraestrutura, manchetes dos principais jornais norte-americanos, um foco de luz foi situado nos anos Kennedy sobre recorte espacial estabelecido ao longo da década anterior.

Bibliografia

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4. ed. São Paulo/ Recife: Cortez/ Massangana, 2009.
- AZEVEDO, Cecília. *Em nome da América: os Corpos de Paz no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2007.
- AZEVEDO, Cecília; RAMINELLI, Ronald (org.). *História da América: novas perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.
- CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward D. *Manufacturing consent: the political economy of the mass media*. New York: Pantheon Books, 2002.
- CRUZ Heloisa F; PEIXOTO, Maria do R. da Cruz. "Na oficina do historiador conversas sobre história e imprensa". *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ESCOBAR, Arturo. *Encountering development: the making and unmaking on the third world*. Princeton: Princeton University Press, 1995
- GREENBLATT, Stephen. *Possessões maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- IANNI, Otavio. *Imperialismo na América Latina*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1988.
- JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao sul do Rio Grande - imaginando a América Latina em seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

LATHAM, Michael E. *Modernization as ideology: American social science and “nation building” in the Kennedy era*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2000.

MAUAD, Ana Maria. *Poses e flagrantes: ensaios sobre História e fotografia*. Niterói: Editora UFF, 2008.

PEDREIRA, Flávia de Sá. *Chiclete eu misturo com banana: carnaval e cotidiano de guerra em Natal (1920-1945)*, Natal, EDUFRN, 2005.

PEREIRA, Henrique Alonso de A. R. *Criar ilhas de sanidade: os Estados Unidos e a aliança para o progresso no Brasil*. São Paulo: PUC, 2005. (Doutorado)

PIKE, Fredrick B. *The United States and Latin America: myths and stereotypes of civilization and nature*. Austin: University of Texas Press, 1993

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALVATORE, Ricardo. *Imágenes de um império: Estados Unidos y las formas de representación de América Latina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2006.

SCHOULTZ, Lars. *Estados Unidos: poder e submissão*. Sagrado Coração: EDUSC, 2000.

TOTA, Antônio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.